

O DISCURSO DAS CIFRAS NAS MORTES POR COVID-19, SOBRE AS NUANCES DA PERCEPÇÃO DA MORTE DO OUTRO

EL DISCURSO DE LAS CIFRAS EN LAS MUERTES POR COVID-19, SOBRE LOS MATICES DE LA PERCEPCIÓN DE LA MUERTE DEL OTRO

Nathan Bastos de Souza¹

Resumo: o objetivo deste artigo foi compreender o funcionamento do discurso das cifras a respeito das mortes por Covid-19 e as nuances da percepção da morte do outro. Assim, o objeto de análise foi constituído a partir de manchetes e títulos auxiliares recortados de reportagens publicadas no site de notícias G1. A abordagem teórica se deu com base em Bakhtin (2011) sobre a morte vista de dentro e de fora. A metodologia de análise parte da distinção elaborada por Volóchinov (2017) entre significação e tema. Os saldos do estudo apontam que, com o avanço da pandemia, houve um amortecimento das emoções, pelo fato de que as mortes – antes mais singulares – vão se tornando, pouco a pouco, apenas números. As vidas perdidas se dissolvem na cifra, na contabilidade.

Palavras-chaves: evento pandêmico; discurso das cifras; tema e significação.

Resumen: el objetivo de este artículo ha sido comprender el funcionamiento del discurso de las cifras a respecto de las muertes por Covid-19 y los matices de la percepción de la muerte del otro. Así, el objeto de análisis se constituyó a partir de titulares y otros títulos recortados de reportajes publicadas en el sitio de noticias G1. El abordaje teórico se dio con base en Bakhtin (2011) sobre la muerte vista de dentro y de afuera. La metodología de análisis parte de la distinción elaborada por Volóchinov (2017) entre significación y tema. Los saldos del estudio apuntan que, con el avance de la pandemia, hubo un torpor de las emociones, por el hecho de que las muertes – antes más singulares – se vuelven, poco a poco, apenas números. Las vidas perdidas se disuelven en cifra, en contabilidad.

Palabras clave: evento pandémico; discurso de las cifras; tema y significación.

Introdução

Passados já mais de dois anos do início da vivência do evento pandêmico é chegada a hora de observar os modos de sobrevivência de todos nós nos períodos de isolamento e pós-isolamento. No final de 2019, com a contaminação em massa a nível mundial pelo coronavírus, se instalou o que veio a ser chamado de “novo normal”, uma expressão bastante curiosa, fruto dessa pretensão adâmica de dar nome às coisas que não compreendemos completamente.

Para termos uma percepção um pouco mais ampla do evento pandêmico, pensemos, inicialmente, no quadro brasileiro em março de 2020 quando se confirmaram as primeiras mortes no país. Naquele momento inicial, sabíamos quem eram as pessoas.

¹ Doutor em Linguística pela Universidade Federal de São Carlos (UFSCar). Atualmente realizando estágio de pós-doutoral junto ao Instituto de Estudos da Linguagem da Universidade Federal de Catalão (UFCAT), com pesquisa financiada pela Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal do Ensino Superior (CAPES). É membro pesquisador do Grupo de Estudos dos Gêneros do Discurso (GEGe/UFSCar) e do Grupo de Estudos Discursivos (GEDIS/UFCAT).

Foram desenhados, inclusive, os caminhos percorridos pelo vírus até encontrar aquela empregada doméstica carioca que trabalhava para pessoas que chegaram contaminadas de sua viagem à Itália, em fevereiro daquele ano. Aquela mulher morreu nas primeiras semanas, antes mesmo do decreto de transmissão comunitária no Brasil. Foi uma morte singular para cada um de nós que assistíamos aos noticiários, assustados com os efeitos da doença ainda desconhecida quase totalmente no Ocidente. Depois, fomos sendo expostos dia a dia a mais e mais informações, mais e mais mortes... A morte se tornou algo corriqueiro, normal. O discurso das cifras que estudamos neste artigo demonstra que a percepção da morte do outro passou do sentido de morte singular para algo normalizado, diário, cotidiano.

Nesse sentido, refletindo sobre o assunto, recortamos como material de análise seis reportagens publicadas no site de notícias G1 em que se tratava das mortes por Covid-19 no Brasil. Circunscrevemos o objeto de análise a apenas as manchetes e os títulos auxiliares dessas reportagens. A partir dessa delimitação, o objetivo deste artigo foi compreender o funcionamento do discurso das cifras e as nuances da percepção da morte do outro.

Para tanto, organizamos o artigo da seguinte maneira: a próxima seção contém uma revisão teórica do problema da morte vista por dentro e por fora a partir de Bakhtin (2011). Já na seção de metodologia, valemo-nos da distinção entre tema e significação elaborada por Volochínov (2017). As análises que realizamos apontam que, com o avanço da pandemia, há um amortecimento progressivo das emoções no que diz respeito à percepção da morte do outro. Dessa forma, em favor da lógica das cifras, dos números, a singularidade das pessoas foi sendo diluída por trás de expressões como “marca trágica”, “situação de alerta”, “o número de mortes nas últimas 24 horas foi de...”.

O problema da morte (da morte por dentro e da morte por fora)

Para refletirmos neste artigo sobre o problema da morte visto de fora e de dentro vamos discutir, com Bakhtin (2011), tal como abordado em seu ensaio “O autor e a personagem na atividade estética” a realidade dessa temática. Como se sabe, o texto acima mencionado formaria parte de um projeto um pouco mais amplo que o filósofo

russo não concluiu, cuja primeira parte seria “Para uma filosofia do ato responsável” (BAKHTIN, 2010) (cf. BUBNOVA, 1996).

Especificamente quando trata das relações entre a morte vista de dentro e de fora, no terceiro capítulo de “O autor e a personagem na atividade estética”, Bakhtin (2011, p. 93) começa por situar uma divisão entre o eu e outro no mundo: “O outro indivíduo está fora e diante de mim não só externa mas também internamente”. Com essa passagem temos uma articulação entre o corpo do outro – o que lhe é externo e é assim percebido, manifesto, físico – e as emoções do outro – o que lhe é interno, seus sentimentos, seus anseios, suas ambições. Estabelecer diálogo com o outro que “está fora” – física e emocionalmente – gera laços com o eu. Porém, todos os vivenciamentos interiores do outro indivíduo que compartilhamos ao travar esse contato “são por mim encontrados fora de meu próprio interior” (p. 93).

Toda a vivência que se organiza a partir dessa relação com um *outro que se mantém outro*, mesmo que empaticamente vivida, é apresentada ao eu como uma experiência em que “[...][os vivenciamentos] axiologicamente não me dizem respeito, não me são impostos como meus” (BAKHTIN, 2011, p. 93). O vivenciar dessa vida do outro com que entramos em compreensão simpática nos é dado como um “fora de meu eu-para-mim”, como “momentos da existência axiológica do outro” (p. 93). Em outras palavras, vistas de fora, suas emoções são valoradas por nós como de outro, nunca podemos ocuparmo-nos de suas emoções como se fossem nossas, essa é a raiz da não fusão com o outro.

No fragmento de Bakhtin (2011) citado acima, a ideia de que os momentos da existência do outro axiologicamente percebidos dizem respeito a essa função valorativa que estabelecemos com o outro, visualizando sua vida desde o excedente de visão, com essa nossa suposta “vantagem ontológica” sobre sua existência (BUBNOVA, 2016). Esse excedente de visão que temos em relação ao outro pode servir para discutir melhor, a partir de um exemplo, essa não fusão entre os sujeitos na interação. Imagine-se um outro que sente uma dor terrível; por mais que possamos nos compadecer do que lhe acomete, da possível doença que lhe causa essa dor, não podemos senti-la *por procuração*, não podemos estar sob sua pele, ocupar seu lugar. Estabelecer uma relação desse tipo, que reduz a interação entre dois a apenas um, seria o empobrecimento do mundo da interação.

O autor russo refina o assunto ao apresentar a ideia de “compreensão simpática” como “meu vivenciamento que vem de fora e visa ao mundo interior do outro” (BAKHTIN, 2011, p. 94). O caráter do vivenciamento do outro por parte do eu – visto externamente, nunca de maneira ingênua, como uma duplicação passiva, impossível em si – deve ser interpretado em termos da “transferência do vivenciamento para um plano axiológico inteiramente distinto” (p. 94).

Dessa maneira, ao entrar em compreensão simpática com qualquer de suas emoções – a alegria, a tristeza, a euforia, a dor – são criadas novas categorias de enformação e de valoração. As emoções que o outro está sentindo não podem ser vivenciadas em uma relação de identidade ($a=a$) entre eu e outro, como se fosse possível perceber alguém feliz e estar feliz *como se fosse o outro*. A percepção dessa não imiscibilidade entre eu e outro é fundante para pensar nas relações de alteridade, ancoradas, por exemplo, na noção de compreensão simpática.

Destarte, só se pode *viver a emoção do outro como outro*, nunca será possível uma transferência para o ponto axiológico que aquele outro vivencia sua própria vida, nossa relação de alteridade é resguardada por esse princípio arquitetônico de que vemos/sentimos as emoções do outro a partir da posição de “eu-para-mim”. O autor amplia ainda mais nossa compreensão com a seguinte passagem:

O sofrimento *do outro*, que vivencio empaticamente, é por princípio diferente – e ademais *no sentido mais importante e essencial* – do sofrimento dele para si próprio e do meu próprio sofrimento em mim; [...] O sofrimento do outro, vivenciável empaticamente, é uma formação *do existir* inteiramente nova, só realizável por mim de meu lugar único *interiormente fora* do outro (grifos nossos) (BAKHTIN, 2011, p. 94).

O sofrimento, como qualquer outra emoção que seja, é vivenciado pelo outro e isso é o mais importante e essencial porque determina que não podemos nos fundir com sua existência. De alguma maneira, esse sentir do outro vivido empaticamente por nós traça uma linha divisória entre eu e outro: não podemos fundir o ponto arquitetônico essencial do qual percebemos sua vida e seu sofrimento, como outro, como exterior ao ponto do *eu-para-mim*.

Ponzio (2013), nessa direção, argumenta que a tentativa de se fundir com o outro é um *ato de mesmificação*, entendido como a ilusão de poder coincidir com o outro. Em outros termos, consiste em perder-se no outro, abstrair a si mesmo, é, enfim, na

perspectiva levinasiana, uma *situação de refém*. Segundo o autor italiano, a mesmificação é concretamente irrealizável, mas se fosse possível “levaria a um *empobrecimento da situação relacional*, porque no lugar de dois participantes existiria um, e seria também, pela cessação do meu ser único, e, portanto, enquanto *meu não-ser*, anulação da minha consciência [...]” (PONZIO, 2013, p. 241). Esse conceito ampliado da reflexão bakhtiniana nos permite concluir que eu e outro são dois centros valorativos não imiscíveis e a mera possibilidade de uma mesmificação em nada enriqueceria a vida dos interagentes, como o saldo exotópico próprio da relação interativa, de modo que anularia uma de suas partes essenciais.

Assim, o sofrimento do outro tal como o apreendemos é diferente da forma como ele, desde sua vida, sofre; o outro também pode ocupar o ponto do *eu-para-mim*, no interior de sua existência, vivendo de uma maneira particular esse sofrimento como *seu*. A forma como sofremos, em nossa vida singular, é também diferente da maneira como o outro vive essa emoção. A reação que temos a esse sentimento do outro que nos toca/nos faz refletir é única à medida em que não estamos “sob sua pele”: nossa posição exterior ao outro nos faz perceber suas emoções apenas empaticamente, como algo que acontece a outra pessoa, com quem nos relacionamos, a quem nutrimos algum carinho (ou não), com quem temos alguma amizade (ou não).

Nessa esteira, Bakhtin (2011, p. 94) argumenta que “A compreensão simpática não é uma representação mas uma valorização essencialmente nova, um emprego de minha posição arquitetônica na existência fora da vida interior do outro”. Se cotejarmos com a linguagem utilizada por Bakhtin (2010), o sofrimento do outro vivido na *ética* por ele só pode ser percebido a partir de uma posição externa, que engloba de uma maneira *estética* seu sofrimento.

Destarte, a partir de um ponto de vista fora da vida interior do outro é que podemos valorar sua maneira de agir diante do sofrimento – ou de qualquer outra emoção, como estamos frisando. Para tanto, ao vivenciarmos empaticamente as emoções do outro construímos categorias estéticas para recriar o todo de sua vida interior em um novo plano do mundo. Entrar em uma compreensão simpática, então, é trazer elementos valorativos do ponto arquitetônico do *eu-para-mim* para o diálogo com a existência do outro, contemplado como outro, permanecendo outro.

Podemos considerar, com base na reflexão bakhtiniana, que nosso existir-evento é apenas uma pequena ilha – bem pequena, inclusive – no mundo inteiro povoado pelos outros, que antecedem e preparam nossa existência, que nos dão o nome, que nos ensinam uma língua. O *outro é primogênito* em um mundo que acabamos de chegar (BUBNOVA, 2016). Dessa maneira, a anterioridade e vantagem ontológica dos outros em relação a nós também se faz valer quando, por exemplo, não dominamos sequer o princípio e o fim de nossa vida. Nessa esteira, afirma Bakhtin (2011):

[...] o princípio e o fim da vida, que não são dados a uma autoconsciência concreta e para cujo domínio a autoconsciência não dispõe de um enfoque axiológico ativo (uma diretriz volitivo-emocional que assimile axiologicamente), o nascimento e a morte em seu significado axiológico concludente [...] (BAKHTIN, 2011, p. 95).

Nessa relação eu-outro que é fundante de nossa vida, o filósofo russo afirma que o começo e o fim de nossa existência pertencem somente aos outros – aqueles que estavam já lá quando chegamos e estarão lá ainda quando partirmos. Não pode haver, nos extremos de uma vida, uma fusão entre eu e outro. Aquele que morre está lá e fará falta como outro no mundo de que participamos em comum.

Os acontecimentos do nascimento e da morte não podem ser vivenciados *por dentro da vida*, não são, conforme Bakhtin (2011), acontecimentos de nossa própria vida vivida eticamente. O começo e o fim não são elementos a que uma autoconsciência poderia acessar, falta-lhe o “significado axiológico concludente”, isto é, não temos em relação a nós mesmos condições de avaliar o momento em que ainda não existimos ou aquele em que já não existimos mais.

Aqui, retomando o título desta seção, podemos refletir sobre o problema da morte (e da vida) vivida de dentro e de fora. Ter medo pela nossa morte e querer continuar vivendo são momentos vividos a partir do ponto arquitetônico do *eu-para-mim*, de outra índole é a situação em que temos “[...] medo da morte de outra pessoa íntima e do [nosso] empenho [em] proteger-lhe a vida” (BAKHTIN, 2011, p. 95).

O autor russo explica que a perda de uma pessoa *qualitativamente única* para nós faz com que o mundo de nossa existência seja empobrecido lá “onde esse outro estava e agora não está” (BAKHTIN, 2011, p. 95). Esse sentimento de perda em relação a esse outro insubstituível diz de sua singularidade para conosco. Esse caso exemplifica

a morte vivida de fora em que da posição de *eu-para-mim* é elaborado o quadro de luto que existe depois do fim de uma vida alheia. Para algo um pouco mais concreto, pensemos, por exemplo, em uma mãe ou um pai que têm dois filhos e um deles morre. Não basta que lhe sobre mais um filho, a vida daquele que se foi é única e não pode ser satisfeita sua ausência pela presença de um irmão. O filho que se foi é *qualitativamente único*, não importa que haja outro filho, ou até mesmo mais.

Com relação a nossa própria morte, como adiantado acima, nossa morte e nosso nascimento são eventos que pertencem aos outros. Falta-nos, para viver eticamente (como autoconsciência) esses eventos, um quadro axiológico que é próprio dos outros, um quadro que pertence aos outros que nos entendem como *qualitativamente únicos*, que sentirão nossa falta quando de nossa ausência. O acontecimento de nossa partida pode ser imaginado por nós desde que nos compenetrems dos outros para quem esse será um evento de sua vida, ao empreender a tentativa, estaremos, finalmente, possuídos pela alma de um outro possível capaz de contemplar axiologicamente o mundo sem nós. Bakhtin (2011) conclui esse argumento com a passagem a seguir:

[...] já não estou só quando tento contemplar o todo da minha vida no espelho da história, assim como não estou só quando contemplo no espelho a minha aparência externa. O conjunto da minha vida não tem significação no contexto axiológico de minha vida. Os acontecimentos do meu nascimento, da minha permanência axiológica no mundo e, por último, de minha morte não se realizam em mim nem para mim. O peso emocional de minha vida em *seu conjunto* não existe para mim mesmo (BAKHTIN, 2011, p. 96).

Contemplar o todo de nossa vida no espelho da história e nossa aparência refletida no espelho são momentos particulares em que ocupamos uma *posição transgrediente* (BAKHTIN, 2011; SERODIO, SOUZA, 2018) em relação a nós mesmos. Somente ao assumir uma *posição transgrediente* a nós mesmos é que conseguimos observar o peso emocional de nossa vida; essa visão, no entanto, será sempre parcial a partir do interior de uma vida em curso (SOUZA, 2021, p. 53). Assim, podemos concluir que o *problema da morte visto de dentro* será sempre parcial dada a opacidade da vida vivida eticamente. O conjunto é inalcançável porque opaco, os acontecimentos do nascer, do permanecer no mundo e do morrer não existem como algo translúcido e conhecível para si mesmo.

Agora, retomando o *problema da morte visto de fora*, podemos ver que a situação é já diferente. Com relação à morte de um ser querido, alguém que é qualitativamente definido como único para nós, há um peso axiológico de sua ausência que é sofrido por nós. O valor de sua presença já não mais sentida é axiologicamente significado. Em outras palavras, quando alguém falece e sua morte é compreendida simpaticamente começa o trabalho de nosso ativismo em favor da memória. Assim, explica Bakhtin (2011):

Meu ativismo prossegue também depois da morte do outro, e nele os elementos estéticos (comparados aos éticos e aos práticos) começam a prevalecer: tenho à minha frente o todo de sua vida, liberto dos elementos do futuro temporal, dos objetivos e do imperativo. Depois do enterro, depois do monumento tumular vem a *memória*. Tenho *toda* a vida do outro fora de mim, e aí começa a construção estetizante de sua personalidade, sua consolidação e seu acabamento numa imagem esteticamente significativa (BAKHTIN, 2011, p. 97).

O trabalho da memória, então, nessa compreensão ativa da morte do outro vista de fora, é construir esteticamente aquela vida, uma vez que se concluiu – vista como um todo. Viver a morte de outro, como outro, como separado de mim, instaura esse momento da construção estetizante da outra vida, aí entra em cena a questão axiológica quando avaliamos o conjunto de sua existência.

Feita essa reflexão sobre viver o *problema da morte do outro(s) de fora* – a única possível a partir do ponto arquitetônico do *eu-para-mim* – apresentamos o recorte os procedimentos metodológicos de análise dos dados neste artigo.

Metodologia: recorte e procedimentos de análise

Ao pensarmos no objeto deste artigo recortamos um material que é simultaneamente amplo e restrito. Por um lado, por recolher dados de uma boa parte da convivência brasileira com a pandemia, sua pertinência se dá por permitir ler em amplitude a temática; por outro, dado que recolhemos apenas seis momentos, tal como noticiados somente no site de notícias G1, restringimos essa amplitude ao observar como se dava a notícia a cada centena de milhar de mortes por Covid-19 no Brasil.

Os dados que estudamos, portanto, permitem ver no nível micro o que acontecia e era noticiado a cada um desses seis momentos, da mesma maneira que possibilitam ler

no nível macro os últimos dois anos. Assim, considerando que neste momento estamos com o número estrondoso de 684 mil e 29 mortes de brasileiros pela doença², selecionamos notícias publicadas no dia exato em que se atingiu a marca de 100 mil mortes e nos dias respectivos em que esse número se duplicou, triplicou, quadruplicou, quintuplicou e sextuplicou.

Para realizar este estudo fizemos um levantamento nesse site por meio de sua ferramenta de buscas. Em seguida, digitamos o enunciado “Brasil 100 mil mortes por Covid”. Inúmeros resultados apareceram e selecionamos o mais antigo que noticiava o assunto³ em forma de texto escrito. Para obter os cinco outros resultados, utilizamos o mesmo enunciado alterando cinco vezes o numeral para “200”, “300”, “400”, “500”, “600” e aplicando o mesmo raciocínio explicitado acima. Essa seleção gerou os dados computados na tabela 1, a seguir:

Tabela 1: Manchetes de notícias a cada cem mil mortes por Covid-19 no Brasil

	Número de mortes	Data	Manchete
1	100 mil	08/08/2020	100 mil mortes por Covid-19 no Brasil: veja a repercussão ⁴
2	200 mil	07/01/2021	Brasil ultrapassa 200 mil mortes por Covid ⁵
3	300 mil	24/03/2021	Brasil ultrapassa 300 mil mortes por Covid ⁶
4	400 mil	29/04/2021	Brasil chega a 400 mil mortes por Covid ⁷
5	500 mil	19/06/2021	Brasil chega à marca de 500 mil mortes por Covid ⁸
6	600 mil	08/10/2021	Brasil atinge 600 mil mortes por Covid com pandemia em desaceleração ⁹

Fonte: elaboração própria a partir dos dados levantados.

Faremos uma pequena digressão para discutir os procedimentos de análise que aplicaremos, a partir das ideias de tema e significação elaboradas por Volóchinov (2017), isto é, tentaremos elucidar aqui como essas noções nos servem para apontar um caminho de compreensão dos dados. Segundo o autor,

² Segundo informação divulgada em 31 de agosto de 2022 pelo consórcio dos veículos de imprensa. Disponível em <https://bityli.com/eiECbPC>. Acesso em 31 de agosto de 2022.

³ Havia vários em que se projetava quando os números de óbitos atingiriam cada centena de milhar.

⁴ Disponível em <https://bityli.com/jTaXOmo>. Acesso em 31 de agosto de 2022.

⁵ Disponível em <https://bityli.com/YiVUaaV>. Acesso em 31 de agosto de 2022.

⁶ Disponível em <https://bityli.com/NVNBDJk>. Acesso em 31 de agosto de 2022.

⁷ Disponível em <https://bityli.com/NQkigDu>. Acesso em 31 de agosto de 2022.

⁸ Disponível em <https://bityli.com/JMWdjyc>. Acesso em 31 de agosto de 2022.

⁹ Disponível em <https://bityli.com/klExxle>. Acesso em 31 de agosto de 2022.

Uma significação única e determinada, isto é, um sentido único pertence a qualquer enunciado como uma totalidade. O sentido da totalidade do enunciado será chamado de seu tema. O tema deve ser único, caso contrário não teremos nenhum fundamento para falar sobre um enunciado. Em sua essência, o tema deste é individual e irrepetível como o próprio enunciado. Ele expressa a situação histórica concreta que gerou o enunciado (VOLÓCHINOV, 2017, p. 227-228).

A diferença entre a forma da língua e a comunicação discursiva é aqui retomada por Volóchinov (2017) – já havia sido mencionada em capítulos anteriores, na mesma obra – para tratar justamente da ocorrência histórica sempre singular dos enunciados, que se constituem, por sua vez, de elementos recorrentes, sempre idênticos a si mesmos quando considerada apenas a estrutura linguística.

À luz de uma linguística da escuta (PONZIO, 2011) que assenta suas bases em torno de dois níveis relacionados à linguagem 1) o da possibilidade de repetição e desmonte em partes recorrentes em outros enunciados e 2) o da unicidade e irrepetibilidade relativo ao sentido que um enunciado assume uma vez contextualizado, podemos fazer uma aproximação com nossos dados em análise. Segundo Ponzio (2011), para escutar e responder, é inevitável passar pelos elementos abstratos da ordem da língua que aparecem em 1), mas a natureza do enunciado é estabelecer diálogo, retomar outros com as quais estabelece relações, assim, inevitável chegar ao nível 2) de análise.

Com base nessa chave de leitura, o tema é a parte singular e irrepetível, mas não se abole a ancoragem nas formas da língua – formas morfológicas e sintáticas, que lhe servem como artefato técnico (VOLÓCHINOV, 2017) para sua realização. No que diz respeito à significação, essa camada linguística é visível quando estudamos os aspectos que se repetem e são idênticos no sistema linguístico.

Tema e significação são partes inseparáveis no todo do enunciado, contudo, diferentes qualitativamente: “O tema do enunciado é essencialmente indivisível. De modo diferente, a significação se decompõe em uma série de significações em conformidade com os elementos linguísticos do enunciado” (VOLÓCHINOV, 2017, p. 228-229). Dessa maneira, podemos descrever os aspectos linguísticos – palavras escolhidas, arranjos sintáticos, etc. – de um enunciado observando sua significação. A análise discursiva só se completa, porém, quando atingimos por meio dessas ocorrências materialmente existentes – da ordem da língua – o tema, sempre novo a cada atualização em discurso.

Entre tema e significação, segundo Volóchinov (2017, p. 231), as fronteiras são mais estáveis, destarte, explica que “O tema é o limite superior, real, do significar linguístico; em essência, apenas o tema designa algo determinado. A significação é o limite inferior do significar linguístico”. É possível estudar esses elementos em duas direções, na primeira tendendo ao limite superior, ao tema; na segunda, tendendo ao limite inferior, à significação.

Como Volóchinov (2017), vamos realizar o caminho que descreve a forma da língua em sua característica reiterável para, em seguida, escutar (PONZIO, 2011) sua emergência singular, por meio do tema, em cada enunciado concreto em tela. Aventaremos nessa análise os sentidos que a língua permite compreender, em seguida, discutiremos os efeitos discursivos que essa expressão material carrega aos enunciados.

O discurso das cifras, as nuances da percepção da morte do outro

Nesta seção vamos realizar a análise das manchetes do G1 a partir das noções de tema e significação apresentadas na seção anterior. Quando tratamos do tema, na sequência, ampliamos um pouco o contexto da análise para considerar, também, os títulos auxiliares. Iniciaremos pela parte relativa à significação no que diz respeito ao enunciado das manchetes¹⁰.

Nesse diapasão, elaboramos uma descrição sintática em que representamos os sintagmas presentes em cada uma das manchetes (de 1 a 6, na tabela 1, acima). Para ler os dados abaixo, considere-se que os traços verticais no interior de cada frase dividem a fronteira entre sintagmas de tipos diferentes; nos casos em que há sintagmas de mesmo tipo contíguos, utilizamos sublinhado e indicamos abaixo o tipo de sintagma; por fim, utilizamos a seguinte nomenclatura: **SN** para sintagma nominal, **SV** para sintagma verbal, **SP** para sintagma preposicional.

¹⁰ Pelos limites deste artigo, elaboramos a descrição sintagmática apenas das manchetes. Ao tratarmos do tema é que ampliamos um pouco a compreensão para o evento pandêmico visto em cada caso de maneira diferente.

Tabela 2: Descrição sintática das manchetes

(1) 100 mil mortes <u>por Covid-19 no Brasil</u> : veja a repercussão.					
SN		SP	SP	SV	SN
(2) Brasil ultrapassa 200 mil mortes <u>por Covid</u> .					
SN	SV	SN	SP		
(3) Brasil ultrapassa 300 mil mortes <u>por Covid</u> .					
SN	SV	SN	SP		
(4) Brasil chega <u>a 400 mil mortes por Covid</u> .					
SN	SV	SP	SP		
(5) Brasil chega <u>à marca de 500 mil mortes por Covid</u> .					
SN	SV	SP	SP	SP	
(6) Brasil atinge 600 mil mortes <u>por Covid com pandemia em desaceleração</u> .					
SN	SV	SN	SP	SP	SP

Fonte: elaboração própria a partir dos dados levantados.

Nota: A classificação sintagmática se pauta na descrição de Souza-e-Silva e Kock (2017) para a sintaxe do português brasileiro.

A respeito da descrição sintática acima, podemos observar algumas recorrências, nas diferentes manchetes. Antes de tratar da notória estrutura repetitiva que aparece nos enunciados de 2 a 6, tratemos do primeiro dado da tabela 2, um pouco diverso dos demais. Na busca que fizemos para o levantamento dos dados, observamos que todas as manchetes de notícias com texto – excetuando-se aquelas com vídeos da programação da TV Globo – do dia exato em que atingimos a marca de 100 mil mortos por Covid-19 não mantêm essa quase identidade que observamos nas estruturas de 2 a 6.

Ao atingirmos essa marca no Brasil a estrutura sintagmática da manchete coloca em ênfase, em primeiro plano, justamente o número alarmante, marcado no primeiro SN. Há ali um complemento dado por dois SPs em que aparecem, respectivamente, o nome da doença e do país; depois dos dois pontos, aparece um SV com complemento. A palavra Brasil aparece aqui em posição de complemento do primeiro SN. Nos demais, que discutiremos a seguir, “Brasil” ocupa outra posição sintática, muito mais importante.

As manchetes de 2 até 6 contêm a palavra “Brasil” na posição de sujeito sintático. Em 2 e 3 temos a repetição do mesmo verbo e da mesma estrutura sintática com exceção apenas do numeral quantificador do SN do predicado; em 4 e 5, o mesmo verbo se repete e temos complementos quase idênticos. Observada a regência do verbo

“chegar”, que é regido pela preposição “a”, e a natureza dos sintagmas preposicionais contíguos a esse verbo em 4 e 5, em ambos os casos há um SN no interior do SP.

Em 4 e 5, se desconsiderarmos a questão do número quantificador que aparece em ambos os enunciados, poderíamos afirmar que 5 se forma a partir de 4. Observe-se o seguinte argumento: se houver uma elipse em 4, como indicada a seguir, “Brasil chega [Ø] a 400 mil mortes por Covid” em que Ø suprime “à marca de” do enunciado 5 “Brasil chega [à marca de] 500 mil mortes por Covid”.

Desse ponto de vista, com a única exceção do quantificador, os enunciados 4 e 5 seriam quase idênticos do ponto de vista da significação. Parece razoável supor que tanto a elipse quanto o uso da expressão “à marca de” gerariam sentidos similares. A partir disso, observamos que a questão da elipse pode ser generalizada para todos os enunciados de 2 a 6, em que poderia haver a supressão do SP “(a) (à) marca de” entre o SV e seu complemento direto (em 2, 3 e 6) ou complemento indireto (em 4), mais adiante retomamos essa questão com base na análise do tema.

Agora, se substituíssemos o trecho “à marca de” no enunciado 5 pela preposição “a”, o padrão que coloca em contiguidade o SV e o número quantificador no SN subsequente em 2, 3 e 6 reapareceria. Da mesma maneira, teríamos dois enunciados quase idênticos em 4 e 5, com a diferença exclusiva do número quantificador. Com essas operações, teríamos um padrão razoavelmente forte entre os enunciados de 2 a 6, em que no máximo uma preposição aparece à direita dos verbos (a depender de sua regência) entre o núcleo do SV e o quantificador do sintagma seguinte.

Em 2, 3, 4 e 5 o SP “por Covid” conclui o enunciado, em todos os casos como complemento nominal à quantidade de mortes que aparece ligeiramente antes na sintaxe do enunciado. No caso da manchete 1, apesar de estrutura sintagmática bastante diversa, a contiguidade entre o SN que contém o número de mortes e o complemento dado pelo SP em que aparece a variante “por Covid-19” em lugar de “por Covid”, é também um padrão a que já fizemos referência no começo deste parágrafo em relação às ocorrências de contiguidade entre o SN “X¹¹ mil mortes” e o SP “por Covid” das manchetes 2,3,4, e 5.

Em 6, por outro lado, temos uma alteração em que aparece ao final outros dois SPs “Brasil atinge 600 mil mortes por Covid com pandemia em desaceleração”.

¹¹ Leia-se que X designa o numeral a cada vez diferente de todas as manchetes em análise.

Voltaremos a essa diferença ao discutir, na sequência, a questão do tema. Se observarmos, mais uma vez, os enunciados 2, 3, 4 e 5, a exclusão dos dois últimos SPs de 6 geraria o mesmo padrão que observamos em relação aos anteriores. Dito de outro modo, poderíamos formular o funcionamento dos elementos da significação das manchetes de 2 a 6 que estudamos acima da seguinte maneira:

$$S \rightarrow SN \text{ SV } [SN \text{ ou } SP] (SP).$$

Leia-se: a sentença é composta por um sintagma nominal seguido de um sintagma verbal, cujos complementos podem ser (a) um sintagma nominal ou (b) um sintagma preposicional, a depender da regência do verbo. A posição posterior pode ser ocupada por um único SP ou por mais que um SP.

Agora, passaremos à discussão da questão a cada vez singular de cada um dos enunciados em estudo, seu tema. Para discutir essa questão, uma vez estudada a significação – artefato técnico –, trabalharemos mais com dados contextuais, os quais lançam luz sobre aqueles propriamente materiais que discutimos através da chave de leitura dos sintagmas. Em outros termos, depois de discutirmos um ponto mais relacionado à significação, vamos, na direção do argumento de Volóchinov (2017, p. 232), passar a acrescentar “como que uma camada de nossas palavras responsivas” às palavras compreendidas nesses enunciados.

Anteriormente argumentamos que no plano das repetições percebemos uma quase identidade entre alguns desses enunciados no que diz respeito ao arranjo sintático de seus sintagmas. Essa recorrência, todavia, não anula o fato de cada um deles noticiar uma centena de milhar de mortes por Covid-19 no Brasil. E esse é, parece-nos, o primeiro elemento da análise temática.

Embora em enunciados como 2 e 3, em que a única diferença linguística é o quantificador, temos uma singularidade muito particular. Quando discutíamos a questão da *morte vista de fora*, no começo deste artigo, percebemos que a morte sempre é singular quando de alguém que é *qualitativamente singular* para nós. Nesse sentido, nós, como brasileiros, percebemos cada uma dessas manchetes como uma nova atualização em discurso, como um enunciado a cada vez novo e terrível de ser lido, ainda que apenas assim, em recorte, na manchete.

Dito de outro modo, para quem entra em *compreensão simpática* com as famílias enlutadas – como o jornalismo fez em muitas ocasiões, é forçoso dizer – cada um desses enunciados diz sobre 100/200/300/400/500/600 mil vidas diferentes perdidas para uma doença que foi mal administrada em nosso país. Embora cada unidade desses números exorbitantes – cada pessoa que faleceu por Covid-19 – não seja, como afirmou Bakhtin (2011) *qualitativamente singular* a cada um de nós, essas vidas que perdemos para o coronavírus eram, sim, importantes aos seus, a cada um dos seus e importantes ao país, eram brasileiros como nós.

O luto, portanto, *deve ser sentido qualitativamente como país*, é singular não para cada um de nós, mas para todos em simultâneo: embora não conheçamos todas essas pessoas singulares que se tornaram uma cifra de mortos pela doença, cada sujeito que morreu era um sujeito singular para seus próximos, seus familiares. Cada número nessas cifras altas corresponde a uma pessoa em particular. Cada pessoa que perdeu um dos seus familiares sentiu sua morte, esteticamente pensando, como a de um ser único e insubstituível, como qualitativamente singular (BAKHTIN, 2011).

Nessa direção, mantendo-se o ponto de vista arquitetônico do *eu-para-mim* as pessoas responsáveis pela redação das manchetes se valeram de uma “formação do existir inteiramente nova” e “interiormente fora do outro” (BAKHTIN, 2011, p. 94) para noticiar essas quantidades imensas de vidas perdidas para a Covid-19 no Brasil. Uma segunda questão importante de que queremos tratar com base no tema é o tom avaliativo do autor da reportagem, que aparece nas manchetes, e vamos analisar agora.

Para essa análise, ampliamos um pouco o corpus com base no cotejo entre o título e a linha fina (ou título auxiliar). Para tanto, realizamos os prints que se seguem nesta análise nos quais aparecem as mesmas seis manchetes com seus respectivos títulos auxiliares. Com base nesse batimento poderemos compreender as estratégias discursivas de cada reportagem em particular e ler, de alguma forma, as emoções que são expressas através do tom axiológico do tema construído por elementos de significação. Apresentamos a seguir a figura 1, print da primeira reportagem:

Figura 1: primeira reportagem

100 mil mortes por Covid-19 no Brasil: veja a repercussão

Políticos e autoridades comentaram a marca, atingida neste sábado (8). Presidente do Senado, Davi Alcolumbre, anunciou luto oficial de 4 dias no Congresso em solidariedade às vítimas.

Por G1 — Brasília

08/08/2020 14h13 · Atualizado há 2 anos



Fonte: Site do G1. Disponível em <https://bityli.com/jTaXOmo>. Acesso em 31 de agosto de 2022.

Como já dissemos no tocante à significação da manchete 1, anteriormente, a construção do título não obedece ao mesmo padrão sintagmático dos outros cinco enunciados que analisamos. Cogitamos que isso se deve ao fato de que era o marco da primeira centena de milhar de mortes que fez com que o G1 recuperasse justamente o tema da repercussão, isto é, mostrar ao leitor como a sociedade brasileira reagiu à notícia triste dessa cifra. Essa conjectura do funcionamento das emoções em relação à formulação das manchetes – e, agora, das linhas finas – ganha força ao longo de nossa análise: com o passar do tempo, houve uma espécie de um amortecimento dos sentidos sobre o luto, sobre as mortes.

Em relação ao título auxiliar, vemos que a reportagem direciona o leitor para informações de políticos e autoridades, mas não menciona o nome do presidente da república. O tema mais relacionado com as emoções é da solidariedade às vítimas. O SN “100 mil mortes” da manchete é retomado no título auxiliar como “a marca”, sem adjetivos. Entendemos que essa reportagem é diferente das demais, a começar pelo título, quando não encontramos no site do G1 um apanhado com informações de repercussão das demais cifras, a cada centena de milhar de vidas perdidas, que recuperamos para a análise deste artigo¹². O fato de se mencionar na linha fina o nome do presidente do senado que decretou, naquela ocasião, luto oficial no Congresso deixa o vazio informativo (e avaliativo) de que o chefe do poder executivo nacional não se manifestou a respeito.

Passemos à análise do segundo print, a seguir:

¹² Em outros termos, não encontramos outros textos que tratassem da repercussão quando a cifra foi de 200 mil, 300 mil, 400 mil, 500 mil ou 600 mil mortes por Covid-19.

Figura 2: segunda manchete

Brasil ultrapassa 200 mil mortes por Covid

Segundo o balanço do consórcio de veículos de imprensa, 1,120 mortes foram registradas nas últimas 24 horas e a média móvel de mortes voltou a subir. Na noite desta quinta, em transmissão ao vivo em uma rede social, Bolsonaro se manifestou sobre essa marca trágica.

Por Jornal Nacional

07/01/2021 21h47 - Atualizado há um ano



Fonte: Site do G1. Disponível em <https://bityli.com/YiVUaaV>. Acesso em 31 de agosto de 2022.

Com a figura 2 iniciamos a análise da segunda manchete e sua linha fina. A partir daqui trataremos das manchetes cujo título é mais padronizado sintaticamente. O título auxiliar inicia com menção ao Consórcio de Veículos de Imprensa, como fiador da informação ali relatada. Essa parceria entre os veículos O Estado de S. Paulo, G1, O Globo, Extra, Folha de S. Paulo e UOL foi estabelecida em 8 de junho de 2020 a partir do momento em que o Ministério da Saúde começou a restringir informações sobre números de casos e de óbitos por Covid-19. O Consórcio é anterior, então, à primeira manchete em análise, mas não foi mencionado no título auxiliar na figura 1.

Nessa segunda reportagem o nome do presidente da república aparece, mas somente se diz que ele se manifestou por meio de “transmissão ao vivo em uma rede social”. O SN “200 mil mortes” da manchete é retomado no título auxiliar como “marca trágica”. No caso dessa manchete, noticiar mais cem mil mortes em relação àquelas já ocorridas até 08 de agosto de 2020 (data da manchete 1) não parece ser um fato tão singular, como parece haver no tom da manchete 1. O que afirmamos acima, com respeito ao amortecimento dos sentidos, começa a aparecer de maneira mais particular aqui: apesar de haver, sim, certo lamento em relação ao número, essa reportagem não relata um tipo de repercussão tão forte como o anterior, ainda menos no que diz respeito à singularidade dessa cifra para o país.

O uso do verbo “ultrapassar” dá a ideia de que no futuro continuarão a acontecer mais mortes e que parece haver inépcia do governo federal em conter os casos e as mortes. Isso se sustenta se observamos o título auxiliar, que demonstra a avaliação que o autor faz do cenário: na primeira frase, remete-se ao balanço que o Consórcio de Veículos de Imprensa fez, no dia, para dimensionar número e média móvel de mortes –

esse mesmo grupo que foi criado para sanar o problema de informações derivado da política do Ministério da Saúde desde junho de 2020; na segunda frase, diz-se que o presidente da república reservou-se aos seus meios de comunicação alternativos, comunicando-se somente com seus seguidores.

De outra maneira, segundo a linha fina, enquanto a imprensa trabalha para informar, o Presidente só se “manifesta”. Essa frase a respeito do número diário de casos e de mortes vai se atualizando a cada evento do discurso das cifras – todos os dias nos telejornais da rede Globo, também aqui nas manchetes e nos títulos auxiliares. Vamos retomar essa questão ao final da análise do tema.

Na figura 3, a seguir, podemos perceber nuances ainda não vistas em relação ao uso do verbo “ultrapassar”, com uma linha fina mais sucinta em relação às anteriores:

Figura 3: terceira manchete

Brasil ultrapassa 300 mil mortes por Covid

Em 24 horas, foram registradas 2.244 mortes pela doença no país, totalizando 301.087.

24/03/2021 21h51 - Atualizado há um ano



Fonte: Site do G1. Disponível em <https://bitly.com/NVNBDJk>. Acesso em 31 de agosto de 2022.

Quando analisamos a significação dos enunciados das manchetes 2 e 3 afirmamos que do ponto de vista da organização sintática o único elemento diferente seria o quantificador antecedente ao SN do predicado. Se cotejamos o print da segunda e terceira manchetes com seus respectivos títulos auxiliares, temos um elemento mais expressivo em relação à avaliação que se faz da pandemia: é assunto diário, nada de novo. Considere-se que quando a marca dos 300 mil mortos por Covid-19 foi atingida no Brasil já se tratava do assunto coronavírus há um ano, pelo menos, na mídia. O evento pandêmico já estava na ordem do dia de cada um de nós, não foi diferente no discurso jornalístico do G1.

Entre as imagens 2 e 3 temos uma soma de mais cem mil mortes por Covid-19 de brasileiros, mas o site se reserva a noticiar, na linha fina, “Em 24 horas, foram registradas 2.244 mortes pela doença no país, totalizando 301.087”. O que se lê nesse

enunciado é o mesmo que ouvimos incansavelmente ser dito nos telejornais da rede Globo, atualizado a cada dia, tendo como fiador o Consórcio de Veículos de Imprensa.

Naquele dia, o texto que não é assinado – à diferença do primeiro, por G1, e do segundo, Por Jornal Nacional – noticia que atingíamos 300 mil mortes e não menciona mais nenhum dado ou informação: o título do texto é eminentemente pragmático, como se afirmasse “aconteceu isso hoje”. Quando discutimos a significação, concluímos que as manchetes 2 e 3 seriam semelhantes. Contudo, à luz do tema (no cotejo entre manchete e título auxiliar) parece-nos que, nessa terceira figura, o recrudescimento do assunto pandemia e a convivência diária com os números altos de mortes e de casos suspendeu a solidariedade/sensibilidade vista na primeira figura, já atenuada na segunda. Não importa tanto que mais cem mil pessoas tenham falecido pela doença, importa o enunciado padrão usado nos meios comunicativos do Consórcio de Veículos de Imprensa.

Geraldi (2017), discutindo o que denominou “esclerose da sensibilidade”, argumenta que vários elementos de nossa vida em sociedades capitalistas estão construindo esse sentimento em nós. Dentre os quais, destaca o autor, que a banalização da vida em favor do espetáculo de tudo. O exemplo que dá é eloquente e, por esse motivo, estabelecemos essa comparação:

Há um acidente com um morto no asfalto, a TV sem autorização dos familiares, filma, divulga, torna ‘acontecimento’ sem sequer pedir licença! Vai mesmo aos empurrões, cinegrafista e repórter estão junto do fato. Não importa a imagem mutilada, o sofrimento ali presente. Importa a imagem. Importa conseguir uma manchete. Importa chegar ao nacional... e se possível ao internacional: fazer virar notícia (GERALDI, 2017, s/p).

Com relação à manchete 3, então, mesmo que o critério qualitativo de vida singular de cada pessoa que perdemos para a Covid-19 não exista nesse discurso das cifras que estamos estudando, aqui a indiferença à quantidade é expressiva. Nesse contexto, o discurso das cifras torna acontecimento que 300 mil brasileiros morreram por Covid-19, mas não emite uma sequer palavra a respeito dessa “marca”, como as manchetes anteriores estavam mostrando. Nos termos de Geraldi (2017) a exploração do corpo e do sentimento das pessoas vale mais que preocupar-se com o sofrimento em si, como algo que outro sente e nos toca. A esclerose da sensibilidade faz com que se

suspenda, propriamente, aquilo que há de humano no homem em favor da lógica do mercado, da mais valia, do ter o que dizer/noticiar.

A figura 4, abaixo, apresenta a quarta manchete:

Figura 4: quarta manchete

Brasil chega a 400 mil mortes por Covid

Só nos últimos 36 dias, foram 100 mil mortes. E em 24 horas, o Brasil registrou 3.074 mortes.

29/04/2021 21h42 - Atualizado há um ano



Fonte: Site do G1. Disponível em <https://bityli.com/NQkigDu>. Acesso em 31 de agosto de 2022.

Na esteira da análise anterior que fizemos, a manchete 4 relata a cifra de 400 mil mortes por Covid-19 no Brasil. Se na terceira análise temática o título auxiliar continha apenas um período, aqui há dois: um deles atualizando o número relativo ao registro de mortes por 24 horas, o que é recorrente nas duas análises anteriores. Na linha do que discutimos acima em relação à esclerose da sensibilidade, o texto auxiliar que aparece aqui “Só nos últimos 36 dias, foram 100 mil mortes. E em 24 horas, o Brasil registrou 3.074 mortes” remete ao aumento expressivo de números diários e o encurtamento do tempo para atingir mais uma centena de milhar.

Da mesma forma que a reportagem 3, essa não está assinada. O discurso das cifras aqui se limita, uma vez mais, a mencionar o número de mortes, não estabelece nenhuma relação de empatia com os falecidos ou seus familiares. O discurso das cifras nessas manchetes é um discurso de registro, atua na contabilidade: de maneira pragmática, informa que cresceu em 100 mil mortes o número entre 24 de março de 2021 e 29 de abril de 2021, apenas 36 dias.

Aquele tom de sensibilidade que aparecia na primeira manchete – que se preocupava em tratar da “repercussão”, em dizer do “luto oficial” – foi se esmaecendo na mesma medida em que a cifra numérica aumentava. Nesse período entre o fim de março e o fim de abril de 2021 vivemos o momento mais trágico no que diz respeito ao aumento rápido dos óbitos no Brasil e, pelo menos nessas duas manchetes, não há

nenhum esboço de empatia. Vale dizer do número, tratar dessa cifra cada vez mais monstruosa, menos interessante é a singularidade de cada um.

A perspectiva de alteridade que é estabelecida por esse discurso das cifras, aqui em análise, transforma o outro em número, anula sua existência, diluída nas centenas de milhares de óbitos por Covid-19. Se Bakhtin (2011) discute a morte vista de fora como uma atividade estética, isto é, como uma relação de distância corporal/emocional da qual se sai com um saldo de enriquecimento para quem contempla aquela vida que se finaliza com a morte, então aqui é todo o contrário. Na medida em que se perde a ideia de humanidade do outro – que era gente, se torna número – a relação de alteridade não existe mais. Um número é um número. Assim é o funcionamento do discurso das cifras de mortes por Covid-19: o outro é visto como um a mais em uma quantidade de casos ou de óbitos. A sensibilidade nesse discurso das cifras foi se esmaecendo com o aumento dos números, como que sujeita ao crescimento numérico percebemos suas nuances.

Passemos à análise da figura 5, abaixo:

Figura 5: quinta manchete

Brasil chega à marca de 500 mil mortes por Covid

Número foi batido na tarde deste sábado (19), segundo acompanhamento do consórcio de veículos de imprensa com dados das secretarias de Saúde. Situação é de alerta: marca trágica foi superada na semana em que o país vê a média móvel ficar novamente acima de 2 mil óbitos por dia, em tendência de alta.

Por Fábio Tito, G1

19/06/2021 14h15 - Atualizado há um ano



Fonte: Site do G1. Disponível em <https://bityli.com/JMWdjyc>. Acesso em 31 de agosto de 2022.

A quinta manchete, embora no plano da significação faça um par com a quarta, contém um título auxiliar mais extenso e um direcionamento diferente das duas precedentes no que diz respeito ao tema. A retomada do número de mortes por Covid-19 pela expressão “marca” (manchete 1) e “marca trágica” (na manchete 2) apareceu quando realizamos o batimento entre manchete e linha fina, agora a expressão está em ambas as partes, nessa última como “marca trágica”.

Quando analisamos a significação, anteriormente, ventilamos a hipótese de que poderia haver uma elipse da expressão “a marca de” nas manchetes de 2, 3 e 6 (complemento direto) e “à marca de” (complemento indireto) em 4. Pelas retomadas

dessa expressão nos títulos auxiliares das manchetes 1, 2 e 5, parece-nos válido considerar que entre o SV das manchetes de 2 a 6 e o número quantificador do predicado há uma continuidade.

O discurso das cifras trabalharia, portanto, considerando os números como “marca”. A qualificação de “marca” como “trágica” nas manchetes 2 e 5, torna flagrante a estratégia discursiva de demonstrar sensibilidade/solidariedade. Como vimos, analisando somente as manchetes, especialmente naquelas que registram o pior cenário vivido até o momento atual no que diz respeito ao número de mortes em alta, não há nenhum elemento avaliativo sobre o evento pandêmico. Em relação à figura 5, ainda, o título auxiliar trata do dia em que “o número [de 500 mil mortos] foi batido”, coloca como fiador das informações o Consórcio de Imprensa e qualifica o cenário como “situação de alerta”. A linha fina ainda retoma a questão de média móvel diária, que estava novamente acima de 2 mil óbitos.

Para continuarmos a análise, vamos debater a figura 6:

Figura 6: sexta manchete
Brasil atinge 600 mil mortes por Covid com pandemia em desaceleração

Em média, 438 óbitos são registrados por dia. Em junho, quando chegamos a 500 mil vítimas, eram 2 mil. Especialistas atribuem cenário ao avanço da vacinação, mas alertam que o risco ainda existe: país ainda é o 3º com a maior média diária de novas mortes no mundo, atrás apenas de EUA e Rússia.

Por Camila Rodrigues Silva, Fabio Tito, Gustavo Petró, Laís Modelli e Ricardo Gallo, g1

08/10/2021 14h42 - Atualizado há 10 meses



Fonte: Site do G1. Disponível em <https://bitly.com/klExxle>. Acesso em 31 de agosto de 2022.

Parece-nos que a figura 6, desde a análise que fizemos sobre a significação da manchete em isolado, apresenta um tom avaliativo em relação ao término da pandemia, de alguma maneira, prenunciando o final. A manchete apresenta dois SPs encaixados ao final do enunciado, em que se diz que a pandemia estaria em desaceleração. A linha fina em três frases informa o número médio de mortes registrados por dia, estabelece uma comparação com o mês em que foi atingida a cifra dos 500 mil óbitos e atribui a especialistas o fato de que apesar da vacinação avançada, ainda haver riscos, porque estaríamos com o país entre as maiores médias diárias de novas mortes no mundo. Na sexta manchete aparece o verbo “atingir”, se considerarmos a semântica desse verbo,

sempre “atinge-se” uma meta, uma marca. Parece que o tom da sexta manchete, apesar de apresentar, de algum jeito, um contexto de esperança com o fim da pandemia, alerta para cuidados ainda necessários e não deixa de fazer ver as cifras, ainda preocupantes, a despeito da “desaceleração”.

Ao estudarmos o conjunto manchete e título auxiliar das seis reportagens observamos que há algo recorrente em relação ao que estamos chamando de discurso das cifras: em todas as manchetes, aparece o número de mortes atingidas no total para aquela data, algumas vezes o texto auxiliar traz informação pontual que precisa o número do dia – apresentado de maneira genérica na manchete; em todos os títulos auxiliares, a partir daquele contido na segunda imagem, temos informação sobre o número de mortes em 24 horas, em alguns de forma exata, contando cada uma das vidas perdidas e registradas, como nas figuras 2 “1.120”, 3 “2244”, 4 “3074” e 6 “438”, ou de forma mais geral como em 5 “acima de 2 mil óbitos por dia”; em vários desses textos auxiliares observamos o tom axiológico da reportagem em relação ao assunto, “média móvel volta a subir” (figura 2), “Totalizando 301.087” (figura 3), “Só nos últimos 36 dias, foram 100 mil mortes” (figura 4), “Situação é de alerta”, “marca trágica”, “média móvel novamente acima de 2 mil óbitos por dia, em tendência de alta” (figura 5), “risco ainda existe”, “país ainda é o 3º com maior média diária de novas mortes no mundo, atrás apenas de EUA e Rússia” (figura 6).

Considerações finais

Com o objetivo de estudar o funcionamento do discurso das cifras sobre as mortes por Covid-19 chegamos a algumas considerações finais:

a) Ao analisar a significação das manchetes pudemos avaliar como se materializa o discurso das cifras. Assim, a partir da descrição sintagmática – artefato técnico (VOLÓCHINOV, 2017) – chegamos a algumas generalizações importantes, permitidas somente quando analisamos **elementos** reiteráveis da língua. Com essa discussão em vista, partimos para refletir sobre o tema das manchetes, observando-as no contexto em conjunto com os títulos auxiliares. Dessa maneira, completamos a análise discursiva partindo das questões propriamente sistemáticas para chegar ao nível dos acontecimentos sempre novos na vida do discurso.

b) As emoções a respeito das mortes por Covid-19 vão sendo entorpecidas com o tempo. Parece-nos que, a partir da análise que elaboramos, com o avanço a cada centena de milhar de mortes, o discurso das cifras nas manchetes e nos títulos auxiliares vai se preocupando cada vez menos com qualquer palavra de conforto para as famílias enlutadas, que vivem a morte vista de fora (BAKHTIN, 2011), que vivem o luto pela ausência de seus entes queridos.

c) Com base na constatação acima, se torna evidente a “esclerose da sensibilidade” (GERALDI, 2017) ou o “entorpecimento das emoções”, em nossos termos: o outro é visto como número, somente. Não mais uma vida que se foi; resta somente uma cifra em um discurso de contador. A presença dos números a cada centena de milhar nas manchetes, a contagem de mortes a cada 24 horas e os números de casos diários sustentam esta tese: o discurso das cifras é, de algum modo e para alguns, anulação do outro.

Referências bibliográficas

- BAKHTIN, Mikhail. M. *Estética da criação verbal*. Tradução Paulo Bezerra. São Paulo: Martins Fontes, 2011, 476p.
- BAKHTIN, Mikhail. M. *Para uma filosofia do ato responsável*. Trad. V. Miotello & C.A. Faraco. São Carlos: Pedro & João Editores, 2010a, 160p.
- BUBNOVA, Tatiana. Bajtín en la encrucijada dialógica (Datos y comentarios para contribuir a la confusión general). In. ZAVALA, I. (orgs.) *Bajtín y sus apócrifos*. Barcelona: Anthropos, 1996, pp. 13-72.
- BUBNOVA, Tatiana. *Do corpo à palavra: leituras bakhtinianas*. Organização, tradução e notas de Nathan Bastos de Souza. São Carlos: Pedro & João Editores, 2016, 253p.
- GERALDI, João Wanderley. *A literatura e a esclerose da sensibilidade*. Texto elaborado para conferência no Clirsertão – 4ª. Congresso Internacional do Livro, da Leitura e da Literatura no Sertão, Universidade de Pernambuco, Petrolina, 7 a 11 de maio de 2018, Texto não publicado, cedido gentilmente pelo autor.
- PONZIO, Augusto. Introdução. Problemas de sintaxe para uma linguística da escuta. In. Volochínov, V.N.; BAKHTIN, M.M. *Palavra própria e palavra outra na sintaxe da enunciação*. São Carlos: Pedro & João Editores, 2011, pp. 7-59.

SOUZA, Nathan Bastos de. O discurso das cifras, sobre as nuances da percepção da morte do outro. Dossiê Ler os discursos sobre o evento pandêmico: discursividades culturais, políticas, sanitárias. Cadernos Discursivos, Catalão-GO, Vol. 1, N. 2, p. 28-52, 2023. (ISSN: 2317-1006 - online).

PONZIO, Augusto. *No Círculo com Bakhtin*. Tradução de V. Miotello e outros. São Carlos. Pedro & João Editores. 2013.

SERODIO, Liana Arrais. SOUZA, Nathan Bastos. *Saberes transgredientes*. São Carlos: Pedro & João Editores, 2018.

SOUZA, Nathan Bastos. *Uma voz para a América Latina? A elaboração discursiva da vida de Mercedes Sosa em documentários biográficos*. Tese (Doutorado em Linguística). Universidade Federal de São Carlos, São Carlos, 2021, 287p.

SOUZA-E-SILVA, Maria Cecília. KOCK, Ingedore V. *Linguística aplicada ao português: sintaxe*. São Paulo: Cortez, 2017.

VOLÓCHINOV, Valentín. *Marxismo e filosofia da linguagem: Problemas fundamentais do método sociológico na ciência da linguagem*. Tradução de Sheila Grillo e Ekaterina Vólkova Américo. São Paulo: Editora 34, 2017, 376p.

*Recebido em 10 de agosto de 2022.
Aceito em 05 novembro de 2022.*